

Nuno Barreto
Carlos Corais*
Maria Helena Trindade**

O Museu Nogueira da Silva, na sua breve existência de trinta e quatro anos, tem marcado de uma forma constante, rotineira ou dinâmica, intensa ou subtil, o quotidiano cultural da cidade.

Após a generosa doação de António Nogueira da Silva da sua casa e colecções à Universidade do Minho, desenvolveu-se como museu com a inventariação dos objectos, o estudo das colecções e a abertura ao público, alcançando aos poucos a sua maturidade. Desde cedo afirmou o seu papel como espaço de cultura inaugurando a primeira galeria de arte na cidade, cujas janelas abertas diariamente para a rua, não deixam indiferente quem passa.

* Director do Museu Nogueira da Silva.

** Técnica superior do Museu Nogueira da Silva.

Sem queimar etapas, cresceu como instituição formando o seu carácter museológico, hoje reconhecido pela Rede Portuguesa de Museus. Foi um trilho construído por uma pequena equipa e pelo carácter e formação dos diferentes directores, um dos quais Nuno Barreto, que deixou o seu cunho indelével nesta instituição com a sua sensibilidade e sabedoria.

Nomeado em 1986, na altura professor da ESBAP, Nuno Barreto, utilizou a sua formação artística para manter uma importante programação na Galeria apresentando nomes como: Fernando Lanhas, Júlio Resende, Bartolomeu dos Santos, Júlio Pomar, Gil Teixeira Lopes e uma parte da prestigiada colecção de gravura da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi também nessa altura o criador da primeira linha gráfica da revista "Forum", que hoje lhe presta um tributo com este destaque.

Para o futuro ficará a sua obra pictórica e gráfica, como testemunho do pintor que com inteligência e sensibilidade contribuiu para a renovação da pintura figurativa dos anos 70/80. A divisão geométrica da tela e as cores puras e luminosas são elementos característicos da sua pintura narrativa e com sentido de humor. De entre as diversas séries de temáticas que desenvolveu poderemos destacar as janelas, os labirintos e as dedicadas ao período da sua estadia em Macau, onde procurou captar o espírito chinês em vias de transformação.

Ainda em 1984, e num nível de colaboração, co-organizou com Francisco Botelho o importante projecto "Figurativo ou Abstracto" na Galeria da Universidade com a participação de nomes de referência da arte em Portugal, como: Albuquerque Mendes, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Aureliano Lima, Carlos Carreiro, Domingos Pinho, Eduardo Luíz, Emerenciano, Gerardo Burmester, Graça Morais, Gustavo Bastos, Humberto Mesquita, João Dixo, João C. Martins, Jorge Ulisses, José Rodrigues, Júlio Resende, Nadir Afonso, Pedro Rocha, Rodrigo Cabral, Rui Pimentel, Sobral Centeno, Zulmiro de Carvalho, com debates moderados por Joaquim Matos Chaves e Victor Martins.

Testemunhando uma grande abertura de espírito, promoveu mostras muito diversas como "O que é estilismo?" ou "Aspectos do Traje Popular nos Arredores de Braga na mudança do século", com itinerância para o Museu do Traje em Lisboa, organizada pelo recém-formado Núcleo de Cultura Popular do Museu Nogueira da Silva.

Foi também sob a sua direcção que, com coragem, se reformulou a política museológica alterando a ideia inicial de museu do kitsch para o destaque e valorização dos objectos. Assim, com a aprovação do Conselho Consultivo e o apoio de César Valença, reorganizou-se profundamente a exposição permanente, iniciando-se o estudo das colecções e a elaboração dos respectivos textos.

Especialistas como Rafael Calado, do Museu Nacional de Arte Antiga e técnicos da Sotheby's foram dos primeiros peritos convidados para procederem à peritagem das faianças, porcelanas e marfins. Foi o início do estudo das colecções que se foi completando ao longo do tempo, com conhecedores igualmente conceituados, cobrindo, hoje, praticamente todas as áreas.

Um enorme profissionalismo, fundado numa grande capacidade de trabalho e organização, marcou a curta direcção de Nuno Barreto imprimindo a esta Unidade Cultural da Universidade do Minho um importante dinamismo entre 1986 e 1987.